

PENSAMENTO MILITAR BRASILEIRO E SUA RELAÇÃO COM GERENCIALISMO E AS GUERRAS DA 4ª GERAÇÃO: UM ENSAIO ELUCIDATIVO

Data de aceite: 01/09/2023

Heraldo Makrakis

Professor Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)– Campus Canoas
<http://lattes.cnpq.br/7568591353689496>
<https://orcid.org/0000-0002-2714-7112>

RESUMO: O pensamento militar tem servido de framework para se teorizar e estabelecer modelos as questões sobre Relações Cívico-Militares. Supõe-se que estes saberes têm implicações na forma como as forças militares são comandadas e concebidas, o que é fundamental para a efetividade do aparato militar. No caso brasileiro pode se atribuir uma longa tradição do pensamento militar do Exército Brasileiro (EB) tendo como inspiração a corrente epistemológica positivista. Este pensamento passou por diversas reconfigurações respondendo aos contextos históricos, adaptando-se e sendo reinterpretada as prioridades dadas para sua missão. Recentemente constata-se no ideário militar do EB aspectos das Guerras de 4ª Geração e do Gerencialismo (duas faces da mesma moeda). O presente ensaio propõe elucidar a permanência do pensamento militar positivista no processo

de transformação militar do EB que conduziu a adesão ao Gerencialismo e as Guerras da 4ª Geração (G4G), duas faces da mesma moeda. A abordagem se apoiará nas evidências das transformações doutrinárias, de composição das carreiras militares e seus processos formativos. Elege-se como roteiro argumentativo os seguintes tópicos: 1) o pensamento militar e suas correntes; 2) o positivismo do Exército Brasileiro; 3) o Gerencialismo e a G4G nas transformações no EB. Como considerações finais aponta-se a perenidade do Pensamento militar positivista traduzido hoje com o duplo G4G e Gerencialismo.

INTRODUÇÃO

Gerencialismo e Guerra de 4ª Geração são conceitos científicos emergentes. O primeiro, tem como objeto de estudo a Sociologia, e o segundo, Estudos Estratégicos.

O Gerencialismo envolve a ideia, o pensamento de superioridade da tecnologia gerencial e daqueles profissionais que tem o seu domínio, especialmente a de negócios, sobre outras técnicas como

as noéticas – aquelas que se atribuem a possibilidade de mudar o comportamento das pessoas a exemplo da Arte Política e a Arte do Comando.

No que se refere a Doutrina da Guerra de 4ª Geração, é a ideia de que a evolução da Guerra tem um sentido histórico irreversível seguindo uma seta no tempo. Estas gerações se sucederiam como a guerra de primeira geração, que foi uma guerra de cavalos e mosquetes, como as “desde a Paz de Westphalia até as Guerras Napoleônicas”. A guerra de segunda geração foi a guerra de rifles e ferrovias que evoluiu da Guerra Civil Americana para a Primeira Guerra Mundial. A guerra da terceira geração foi a da Blitzkrieg, Teoria da Manobra ou Arte Operacional na Segunda Guerra Mundial. O advento da Guerra de 4ª Geração (G4G) foi percebida nos conflitos da Guerra Fria, na qual as superpotências tiveram dificuldades para vencer as redes das Guerras Irregulares em seus diversos formatos como Golpe de Estado, Terrorismo, Revolução, Insurgência e Guerra Civil. Deste modo se propõe que a melhor forma de vencer uma rede é por intermédio de uma rede (JORDAN et al., 2016). Para operar a rede o conflito seria caracterizado por uma indefinição das linhas entre guerra, política, negócios, combatentes e civis.

Apesar de terem origens em ambientes de estudos distintos, a Sociologia e os Estudos Estratégicos, eles se conectam em um ponto em comum. Ambas são ideologias que foram produzidas para justificar o neoliberalismo e estão imbricadas no projeto da perspectiva de uma Economia Política.

No caso estudado do Exército Brasileiro (EB) se buscará argumentar sobre as seguintes premissas e hipóteses: 1) a configuração do pensamento militar e suas correntes; 2) o positivismo do EB; 3) o Gerencialismo e a G4G no processo denominado “Transformation” no EB.

1 | O PENSAMENTO MILITAR E A DOUTRINA MILITAR.

Pensamento Militar

O termo Pensamento Militar é um conceito difuso podendo levar a compreender que se trate de correntes epistemológicas, crença, ideologia, cultura, conhecimento ou doutrina. O pensamento pode ser visto na perspectiva individual, estudada pela psicologia; ou um sistema de ideias ou ideologias, objeto da sociologia.

Na perspectiva do construtivismo social e interacionismo simbólico, que busca superar esta dicotomia individual e social, apresenta-se o trabalho de Moscovici das Representações Sociais. Denise Jodelet define este campo científico como “*uma forma de conhecimento, socialmente desenvolvida e compartilhada, com finalidade prática e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um todo social*”. Assim, a representação social não é uma opinião e sim um sistema teórico de senso comum de como o mundo funciona. No caso da sociedade militar moderna também se faz oportuno

trazer o conceito de Doutrina militar para uma teorização.

Neste caso é indicada a conceituação dada por (HOIBACK, 2013): “*crenças institucionalizadas sobre o que funciona em guerra e operações militares*”. O autor também explica sua anatomia constituída de:

i) Teoria que se baseia em suposições de como a Guerra funciona e o que leva à vitória em um dado contexto. O autor distingue as abordagens epistemológicas da Doutrina em fundamentalistas e “coerentistas”.

As doutrinas fundamentalistas tentam resolver os quebra-cabeças epistemológicos com uma abordagem Analítica de Aristóteles. Um encadeamento lógico num sistema fechado no qual a correta organização das proposições resulta numa conclusão unívoca. Por outro lado, as doutrinas “coerentistas” não aceitam fundações epistemológicas inquestionáveis fora do próprio discurso militar, contudo não toma como verdade uma opinião particularizada. Em outras palavras, não se adota o relativismo radical epistemológico; o silogismo adotado é o da dialética aristotélica e retórica, com o objetivo de reconstruir os fenômenos para explicá-los por teorias e modelos (MAZZOTTI et al., 2014). Um raciocínio coerente em seu encadeamento interno e fundamentado em ideias que alcançam uma conclusão admissível, que permitem a crítica e passível de refutação. Em suma, como se pensam a Guerra? Dogmas ou Docência (Bildung)?

ii) Cultura ou aspectos A-rationais. O conceito abstrato que o autor indica como “tudo que na sociedade humana seja socialmente em vez de biologicamente transmitido”. Aqui se adotará a definição um termo usado na sociologia para denotar o modo de vida de uma sociedade. Os modos de comunicação do saber nas sociedades em rápida transformação e aos objetos simbólicos produzidos por uma sociedade para veicular valores.

iii) Autoridade. Os aspectos de mandado que as sociedades emprestam as Forças para o uso da violência. Como se organiza o mandado para constituir as forças militares?

Desta forma, o pensamento militar é uma representação social dos militares a respeito dos fenômenos militares como a guerra, a estratégia, a teoria militar, a forma como eles percebem o Estado e como pensam, elaboram e validam a Doutrina em uma perspectiva epistemológica fundamentalista ou coerentista. Como um sistema organizado e validável de conhecimentos, o pensamento militar foi influenciado pelas correntes filosóficas e epistemológicas ocidentais: o Iluminismo e a Romancismo (GAT, 2001).

As correntes do Pensamento Militar

O Iluminismo é a corrente epistemológica que se propõe a compreender o mundo pelo racionalismo. O teórico que é tomado como referência é (JOMINI, 1838) com a obra “*Precis de L’Art de la Guerre*”. Na análise (SHY, 1986), a Guerra era um fenômeno regido por princípios invariáveis, subjacentes as leis da natureza e universais e os critérios de validação seriam os mesmos das Ciências da Natureza. Nota-se que do Iluminismo é

nascente no meio militar na École Polytechnique de Paris (L'X), o Positivismo francês, uma corrente que considerava que os de então e que inspirou a criação das escolas militares do mundo ocidental.

Esta corrente filosófica consolidada nas doutrinas militares na I Guerra Mundial foi formalizada como Doutrina nos trabalhos do Marechal Ferdinand Foch. Esta doutrina propôs os Princípios de Guerra. Uma abordagem epistemológica fundamentalista teorizada pelo General Gamelin denominada de “bataille conduit” – a batalha metodológica como um processo que esquematizava passo a passo os movimentos, as posições e os dispositivos geometricamente calculados. Desta forma o positivismo militar ultrapassa a especulação de uma teoria da vitória e se transforma em um dogmático receituário conhecido como o “Método”.

O Romancismo foi uma contracorrente do Iluminismo/Positivismo que tinha uma compreensão sobre o que significa conhecer a realidade distinta do positivismo. Ela buscava revelar uma ordem inescapável do Universo estabelecendo formas de compreender um mundo mutável e caótico.

Nesta corrente do pensamento militar destaca-se o trabalho de Clausewitz. Este não se fundamenta em Leis universais mas sim na argumentação (Dialética e Retórica) pelo processo de modelagem, que é um processo de metaforização, pois comparam o que se pretende explicar – o tema – com algo conhecido – o foro (BLACK, 1962) como por exemplo a tríade com os elementos fundamentais da guerra como: paixão/Povo, criatividade e aleatoriedade/Forças Armadas e razão/Governo (ECHEVARRIA-II, 2007 pag 71 a 88), (STRACHAN; HERBERG-ROTHER, 2007 pag 204)

Finalmente, a Guerra deveria ser tratada como um corpo de conhecimento autônomo na qual a Kritik é um aparato metodológico (DUARTE, 2008) e o Kriegsspiel (KIRSCHENBAUM, 2010), (WINTJES, 2017) uma ferramenta para reconstituir o fenômeno ou criar modelos.

Esta abordagem alternativa construtivista-retoricista de estudo sobre o pensamento militar, o conceito de Doutrina e os processos de Transformação aos trabalhos de (POSEN, 1984) e (FARRELL; RYNNING; TERRIFF, 2013) que se sustentam em uma base empírica histórica. Ela buscará compreender os discursos e as práticas por uma análise retórica e que o pensamento militar, as representações sociais, assimilam (ancoram) e se adaptam os contextos sociais históricos.

2 | O POSITIVISMO E O MÉTODO NO EXÉRCITO BRASILEIRO

As origens do ensino militar do Brasil se fundam no Positivismo não se afastando deste paradigma durante toda sua história. As reformas curriculares se centraram nos conteúdos programáticos e relegaram a segundo plano as questões epistemológicas e os processos de validação teóricos. A literatura sobre a evolução do ensino militar do

Exército Brasileiro (BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. EME, 1994), (MOTTA, 1998), (GRUNENVALDT, 2005), (LUCHETTI, 2006), (MARCUSO, 2012), (NOGUEIRA, 2013), (XAVIER, 2017) e (OLIVEIRA; MATHIAS, 2020) aponta para a conservação do pensamento positivista e se consolida com a Missão Militar Francesa.

A MMF pela liderança de Gamelin, um modernizador do EB (DOMINGOS NETO, 2007), tem perene influência no pensamento militar brasileiro até a atualidade. A emulação francesa foi paulatinamente substituída pela estadunidense com um pensamento militar tão igualmente jominiana-positivista e conhecido como Methodical Battle (DOUGHTY, 1985) e que permeia o pensamento militar americano até a atualidade (YANCY, 2012). Após a II Guerra Mundial é selado um acordo geoestratégico com os Estados Unidos para a defesa do mundo livre (SVARTMAN, 2016).

A influência positivista americana foi relevante pela adoção do “Método” que se consolidou como a *raison d'être* nas ideias e pensamento militar nas diversas escolas militares. O Método ganha reforço com a introdução da didática e pedagogia behaviorista nas escolas militares, onde deixar de ser a técnica de solucionar problemas para ser o fundamento que se identifica a profissão. A pedagogia de Herbart, Bloom e Perrenaud é uma técnica dedutiva que promete formar um tipo ideal, o do perfil profissiográfico com as suas competências e habilidades focadas no processo avaliativo. Processo avaliativo das respostas unívocas que exigem a aplicação do Método e que é decisivo na organização da carreira e escolha dos líderes. A ECEME, a escola que prepara os generais, se auto identifica como a Escola dos Métodos (NUNES et al., 2017). O domínio do Método de preparação e abordagem de temas e questões discursivas de história, geografia e geoestratégica (CASTRO, 2010) é o critério fundamental para o ingresso, em detrimento da capacidade crítica de análise dos conteúdos.

Destaca-se que o perfil profissiográfico, a pretendida pelos militares, não possibilitou o controle civil sobre os projetos políticos pedagógicos que definem os conteúdos, abordagens pedagógicas e os perfis desejados de egressos.

Enfim, o pensamento militar do EB de tradição positivista do Método permanece sendo reelaborado até a atualidade, sendo engendrado por processos políticos internos com contexto internacional. Ainda, a transformação e as reformas ocorridas durante o processo do final da Guerra Fria não ficaram despercebido pelo EB.

3 | REFORMAS DO SISTEMA DE SEGURANÇA INTERNACIONAL

O Sistema Internacional no final do século XX teve profundas mudanças em uma sucessão de eventos tendo seu processo iniciado com a Doutrina Nixon. O processo passou pela derrota na Guerra do Vietnã que sinalizou a necessidade de reformas no sistema de defesa americano. As reformas e respostas do US Army foram estudadas por (JENSEN, 2016) baseado no neo institucionalismo, onde analisou o TRADOC e sinalizou

sobre um sistema de aprendizagem organizacional, na qual são considerados fatores internos e externos.

Destaca-se que a transformação do TRADOC não se resumiu em somente mudança de Doutrina mas também na forma de pensar a Guerra e produzir Doutrina. A Doutrina elaborada foi a Air Land Battle desenhada para emprego no teatro europeu, sendo aplicada com muito sucesso na Guerra do Golfo (1991). Todavia, foi conflito muito assimétrico e no contexto da Digitalização.

Com o colapso da URSS e o dramático evento de 11 de setembro de 2001 os Estudos Estratégicos (EE) começam a ser vistos como coisa do passado, um dinossauro (BAYLIS; WIRTZ; GRAY, 2019). Neste contexto, toma relevância Estudos Securitários que buscam ampliar o escopo dos EE. Isto incluiria questões de como o Estado se protege contra ameaças internas.

Podemos destacar os trabalhos de (CHUTER, 2006), (FARRELL; RYNNING; TERRIFF, 2013) e (EDMUNDS, 2013). Eles revelam aspectos dos Estudos Securitários com a reconfiguração do sistema internacional que ficou denominado como Reforma do Setor de Segurança (RSS). Em conformidade com os textos sobre RSS, na perspectiva retoricista, nota-se que são apresentados pontos de argumentações que sustentam a nova forma de pensamento militar mainstream:

- a. estarem em consonância com o modo de produção neoliberal, na qual se sucedeu desmontes nos sistemas de economia de bem-estar e socialista;
- b. terem sido transformações políticas e condicionadas por propostas econômicas assistidas pelas instituições e agências transnacionais como ONU, OCDE e Banco Mundial e que reconfigurou a divisão internacional do trabalho;
- c. reproduzirem os valores da democracia liberal no que se refere ao controle democrático parlamentar das forças armadas;
- d. tratar as questões da Segurança e Defesa de forma holística e não diferenciando-as. O termo holístico implica uma visão totalizante, uma cosmovisão em que há uma ordem no mundo e que nada ocorre por acaso, tudo está em seu devido lugar e está em oposição a uma visão atomística (Capra.);
- e. a abordagem holística implica do determinismo histórico toffleriano (TOFFLER; TOFFLER, 1995), do fim da história (FUKUYAMA, 1992) e superação do Estado (VAN CREVELD, 1999). Esta cosmologia foi muito bem sintetizada como a Doutrina do Choque por (KLEIN, 2017). No caso brasileiro implicando em duas apropriações de tornar o não familiar em familiar – o Gerencialismo e a G4G. Serão apresentados cada uma delas.

A ideologia do Gerencialismo

Conforme (KLIKAUER, 2015) o gerencialismo combina conhecimento de gestão e ideologia para se estabelecer sistematicamente nas organizações e na sociedade, enquanto priva empregados (organizacional-econômico) e sociedade civil (político-social) de todos os poderes de tomada de decisão. O gerencialismo justifica a aplicação de técnicas gerenciais a todas as áreas da sociedade com base na ideologia superior, no treinamento especializado e na posse exclusiva do conhecimento gerencial necessário para administrar com eficiência corporações e sociedades.

No mundo político, isso pode assumir a forma de afirmar que muitos conflitos e discussões são desnecessários para resolver problemas. Tudo o que é necessário é uma avaliação racional do problema e isso envolve a coleta e comparação de informações, listando as opções, calculando os custos de cada uma, avaliando as consequências e escolhendo o melhor curso de ação. Neste sentido o Gerencialismo acaba reforçando o Método como uma idealização no modo de pensar a Guerra incorporando-se no núcleo figurativo.

O Gerencialismo não é algo novo, mas uma ideia que já permeia as forças armadas. A atividade profissional do moderno e científico gerencialismo pode ser resgatada no Corpo de Engenheiros do Exército Americano conforme (O'CONNELL-JR, 1985). Para (LINN, 2007) constitui o grupo dos Managers junto os Heroes e Guardians. Tem apelo na literatura militar destacando-se o trabalho de (SOETERS, 2020) que defende que não existe diferenciação entre gerenciar, que presume-se a otimização de recursos limitados em um contexto de competição, e comandar que se compreende em um contexto de conflito. A presença do gerencialismo no meio militar é contestada por (MCCANN, 2017) na qual faz uma análise crítica associando o gerencialismo aos modelos matemáticos; enfim, jominianos-fochianos-lanchesterianos de contagem de corpos.

A ideologia da Guerra de 4ª Geração

Tomar-se-á como G4G (LIND; THIELE, 2015), os conceitos operacionais sem nenhum fundamento estratégico, que esclarece pouco (ECHEVERRIA II, 2005) e decorrentes das ideias de tofflerianas, fukuyanas e creveldianas. É a contraparte de como pensar a Guerra do Gerencialismo. Neste conjunto podemos aduzir as Revolução de Assuntos Militares, Operações de Não-guerra, Operações de Amplo Espectro, Operações interagências, Guerra Híbrida, Shock and Awe. Em certa medida as Doutrinas da G4G pela Transformação organizam o sistema internacional de Segurança e Defesa – tomando-o como uma unidade indivisível. A G4G é ampliada no conceito de Guerra Híbrida como estudado por (LEINER, 2020) que analisa o fenômeno sob a perspectiva da Antropologia estruturalista. A ideia da Guerra como um fenômeno perene da sociedade.

Transformação militar compreende adequar uma Força Armada à Revolução dos

Assuntos Militares. Com um Projeto de Força, proposto por Donald Rumsfeld (2001-2006), Secretário de Defesa do presidente estadunidense G. W. Bush indica como se preparar para o combate do futuro e inclui os entendimentos ainda mais amplos da transformação, como a defesa nacional, a manutenção do acesso sem obstáculos ao espaço e novas abordagens de defesa e dissuasão (SLOAN, 2008). Uma transformação que identifica três alvos para mudança cultural: práticas comerciais departamentais, operações interagências e de coalizão, e como os militares combatem (CZELUSTA, 2008).

4 | OS PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÕES NO EXÉRCITO BRASILEIRO – GERENCIALISMO E G4G

Os processos de transformação no Exército Brasileiro iniciam no processo de democratização lento e gradual e um posicionamento em relação a fatores externos no caso a Guerra das Malvinas que sinalizou que os arranjos hemisféricos de solidariedade eram frágeis. Externamente, também, a crescente pressão da pauta ambiental coloca a Amazônia como prioridade estratégica. Em 1984 foi implementado o Sistema de Planejamento do Exército (SIPLEx) (VIEGAS-DA-SILVA, 2009) como uma resposta as demandas internas e posicionamento externos.

O SIPLEx é uma metodologia que reproduzia a Doutrina da Escola Superior de Guerra, do binômio Segurança e Desenvolvimento, que apela pelo Método, dando unidade de pensamento estratégico no EB e que pudesse ser revista periodicamente. Neste contexto o Ministro do Exército Leônidas Pires Gonçalves empreende o projeto de força conhecido como Força Tarefa 90 (FT-90) na qual se buscava inicialmente os meios militares o aumento dos efetivos e uma reorganização da Força.

Nos anos 90, o Estado-maior do Exército partindo de sua interpretação do Artigo 142 da Constituição Federal (BRASIL, 1988) e tendo como ferramenta o SIPLEx estabelece sua Estratégia autóctone e concebe as Doutrinas ALFA (Garantia da Lei e da Ordem), DELTA (Combate convencional) e GAMA (Amazônia ou do Combate da Resistência). Elas eram uma versão tropicalizado da G4G e cada qual merece uma estudo mais aprofundado; i) as experiências da repressão urbana e de Forças de Paz a ALFA; ii) a DELTA foi uma adaptação do Air Land Battle e a iii) GAMA os estudos das doutrinas militares orientais (Sun Tzu e Giap) que passaram a interessar os militares, além das experiências da atuação do EB contra os movimentos insurrecionais de tradição franco americana (MARTINS FILHO, 2008). Exercícios de patrulha que se praticavam eram considerados ideais no combate nas escolas militares de formação e na instrução da tropa. Enfim, foi um movimento inverso. As práticas dos campos de instrução serviam para dar forma e sentido ao que se elaborava nos birôs doutrinários.

Sobre o Soldado ideal, este seria os das Operações Especiais, especialmente para os Oficiais formados na geração de 70/80 e que tiveram instrutores com experiência na

repressão. O que promove a importância para aos detentores de cursos desta natureza como Guerra na Selva, Paraquedismo, Comandos, Forças Especiais. Considerado o militar prático no duplo teórico/prático estudado por (CASTRO, 1990).

Na AMAN descarta-se a instrução da Seção de Instrução Especial, e no corpo de tropa a prevalência dado as frações dos Pelotões de Operações Especiais (Pelopes) e organizações militares de operações especiais. Uma idealização da guerra na qual os conflitos sejam resumidos a operações de patrulha, o processo decisório realizado pela Ordem a Patrulha e o “Rambo”, o soldado-arquétipo da G4G.

Deste modo a adoção da Doutrina serviu de viés de confirmação do duplo - o papel dos militares no Estado e de sua autoimagem. A primeira como a instituição guardiã da CF/88; e a segunda, expressa no slogan Braço Forte e Mão Amiga.

Se por um lado o Braço Forte” prepara o militar para o combate como um “Rambo”, existe o entendimento de que uma Guerra assimétrica não pode ser vencida sem a luta pelos “corações e mentes” havendo necessidade de se desenvolver a “Mão Amiga”.

O processo de Transformação do Exército Brasileiro esteve imune ao controle civil até os meados do século XXI. A falta de prioridade aos assuntos de Defesa, as restrições orçamentárias e o desprestígio imaginado pelos militares nos primeiros governos democráticos pós ditadura conduziram aos seguintes movimentos: a procura por alternativas para obtenção de recursos orçamentários e a busca por reconhecimento e acreditação da profissão.

A alternativa para lidar com o problema orçamentário, especialmente do Governo FHC foi concretizada por iniciativas isoladas do que viria a se denominar Operações Subsidiárias. Estas ações era uma forma de carrear recursos para o funcionamento das organizações militares obtidas por meio de adestramento da tropa para o combate do futuro.

Estas ações se intensificaram durante o Governo Lula. Ações que deixam de ser restritas a prestações de serviços dado por uma Organização Militar para uma dimensão institucional, com as Operações de Paz da ONU e a participação em Grandes Eventos. Com a Estratégia Nacional de Defesa o pensamento militar foi traduzido pelo o Manual de Transformação do Exército e PROFORÇA (BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO, 2011).

Uma análise retórica dos documentos esclarece que o “Exército do futuro” utiliza os discursos da nova era, para a era do conhecimento, e pela estratégia da *“paralisia, preconiza o emprego do poder militar de modo intenso, em curto espaço de tempo e em largo espectro, com a finalidade de imobilizar o adversário”* a mesma do Shock and Awe. Taticamente isto seria possível com *“a obtenção de superioridade em Informações de Combate, integrando as atividades de Inteligência de Combate, Guerra Eletrônica, Operações Psicológicas, Dissimulação, Segurança das Operações, Defesa Cibernética, Assuntos Cívicos e Comunicação”*. O combate pela componente paixão/Povo da tríade clausewitziana.

Além disto, deveria desenvolver táticas híbridas como buscar “a ativação, nos estados-maiores dos Grandes Comandos Operacionais e Grandes Unidades atuando isoladamente, de organizações ou elementos de Informações Públicas e de Cooperação Civil-Militar (Assuntos Cíveis) para o trato com a mídia, com a população e com agências internacionais e não governamentais na área de operações”.

Atualmente a Transformação ganha corpo com a publicação (cerca de diversos Manuais doutrinários orientando como desenvolver as atividades da estratégia da paralisia e as táticas híbridas. Acrescenta-se “a racionalização das estruturas operacionais e de apoio, adequando-as às restrições orçamentárias, sem prejuízo das capacidades operativas”. O discurso da racionalização conduz a compreensão da necessidade de competências gerenciais corporativas.”

Para conduzir os projetos do Exército do Futuro se fez necessário um novo perfil profissional o do Gerente que foi reelaborado com diversas medidas:

i) A inclusão de disciplinas de Administração nos currículos das escolas militares com o viés do gerencialismo (PAIVA, 2004) com conteúdo sobre Excelência Gerencial. As disciplinas de Administração são fundadas no Gerencialismo da disciplina Business Management distintas das áreas científicas do Public Administration ou Policies Public que são instrumentadas nas Ciências Políticas. A necessidade de tornar os currículos com uma perspectiva do Gerencialismo é recorrente como verificado em (COSSA, 2014) e (MAGALHÃES, 2019).

ii) A aceitação de equivalência do diploma de Ciências Militares com os bacharelados de Administração e a possibilidade de registro e atribuições pelo Conselho Federal de Administração vai ao abrigo desta ideia (CONSELHO FEDERAL DE ADMINISTRAÇÃO, 2018).

iii) Institucionalmente é relevante destacar o Programa de Excelência Gerencial pelo Comandante da Força Gen Exército Albuquerque que envolveu todo Exército Brasileiro. O PEG seria uma ferramenta para aperfeiçoar a capacidade gerencial na operacionalidade do Exército, visando otimização dos processos, o gerenciamento dos projetos e a motivação de todos os seus integrantes. O programa colocado como a atividade prioritária em todas as organizações militares (EQUIPE EDITORIAL ADN, 2005) que nas palavras dele “O desenvolvimento de práticas de gestão dentro do Exército trará excelentes resultados ao País.

O pensamento do gerencialismo fica mais evidenciado na palestra do Comandante da Força realizada em março de 2003 para a Oficialidade da Guarnição de Brasília e da qual se extrai dos slides a seguir e que foram expostos:



Figura 01 Slides apresentação Comandante do Exército Brasileiro

iv) As propostas do gerencialismo tiveram apoio da Fundação Getúlio Vargas da Escola de Administração de Empresas de São Paulo e participou o Programa da Qualidade do Serviço Público. A parceria acabou criando vínculos e um convênio duradouro com a ECEME para preparar os “Generais Gerentes.”

v) A prioridade dada para funções com perfil de Gerências de Negócios aumentou. O EB que nas décadas de 60 possuía um sistema de formação de Oficiais na qual os Oficiais das Armas científicas – os “Engenheiros” ou “bacharéis” - tinham acesso sem exame ao IME. As prioridades foram suplantadas por Administradores e afins. Um estudo empírico sobre as transformações das carreiras técnicas, sua importância no Exército Brasileiro e no Projeto de Estado desenvolvimentista pode esclarecer esta prevalência do Gerente neoliberal em detrimento ao Engenheiros desenvolvimentista.

vi) Recentemente a sociedade surpreendeu-se com a presença dos militares no governo do Presidente Jair Bolsonaro e com o Projeto Nação 2035 na qual foram combinados o Método das escolas militares com técnicas de análise prospectiva como a técnica Delphi e o (MARCIAL; GRUMBACH, 2002) propondo uma Estratégia Nacional que confirma as teses deste texto – o ideário do Gerencialismo e da G4G na qual os militares brasileiros se propõe a Governar, Gerenciar e Comandar tudo e a todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do ensaio de apresentar a perenidade do pensamento positivista traduzido hoje com o duplo G4G e Gerencialismo, a oposição que se completa o trato com a Guerra e a Paz. O ensaio oportunizou trazer a luz algumas questões e que se adiciona outras proposições.

A proposta da abordagem construtivista-retoricista apresentada, apesar de não ter uma tradição nos Estudos Estratégicos indica uma alternativa promissora. As Ciências Retóricas, como explicado por (MAZZOTTI, 2015)” as técnicas noéticas que têm por matéria, por objeto da ação, as funções afetivas e cognitivas e por objetivo manter ou modificar as crenças, as atitudes e os valores . Uma metodologia indicada seria a Análise Retórica aos modos de (DUARTE; MAZZOTTI, 2004).

Isto supõe uma técnica não somente aplicável para investigar os processos educacionais militares. Caberia acrescentar o estudo do pensamento militar, os silogismos característicos de cada corrente (Analítica ou Retórica/Dialética) e sua revelação (fundamentalismo) ou invenção (coerentismo) como Doutrina.

Em uma primeira abordagem verifica-se que o pensamento militar positivista Exército Brasileiro tem um legado histórico e vem sendo retrabalhado e adequado aos contextos Políticos internos e externos. Na I Guerra Mundial com a MMF, na II GM com a aliança com os EUA, na Guerra Fria aderindo ao bloco ocidental o núcleo do pensamento militar se consolida com o eternizado Método.

Atualmente o EB desenvolve o processo de Transformação incorporando percepções neoliberais e do Estado mínimo – alinhado com a proposta da nova ordem global. Uma ideia na qual o Estado deve se resumir as suas duas funções precípua que é a manutenção dos contratos: a segurança e a justiça. Enfim, l'état c'est moi. O protagonismo dos militares na política no Governo Jair Bolsonaro, as medidas tomadas são esclarecedoras para compreender o pensamento militar positivista-fochiano do Método, do Gerencialismo e da G4G e merecendo um estudo detalhado. Política subsumida pelos Generais Gerentes Governantes que com o domínio do Método e das técnicas gerenciais se colocam a conceber um Projeto de Estado, sem qualquer contradição ou mediação de diálogo – a compreensão de uma Polis como um organismo hierárquico e conduzida pela Aristro – a classe de cidadãos mais preparados para pilotar a nau da República. Resta saber se essa representação social da Polis garante a Democracia – objeto de investigação a ser publicado.

REFERÊNCIAS

BAYLIS, John; WIRTZ, James J.; GRAY, Colin S. **Strategy in the Contemporary World; an introduction to strategic studies**. 6. ed. New York: Oxford University Press, 2019.

BLACK, Max. *Models and Metaphors: studies in language and philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1962.

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. **PROFORÇA Projeto de Força do Exército Brasileiro**. Brasília: Estado Maior do Exército, 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. EME. *A Política Educacional para o Exército Brasileiro: 2000 - Fundamentos* Brasília, 1994.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 **Congresso Nacional**, Brasil, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 17 jun. 2019.

CASTRO, Celso. **O Espírito Militar - um antropólogo na caserna**. 2. ed. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1990.

CASTRO, Tiago Castro De. **Método de preparação e abordagem de temas e questões discursivas**. Rio de Janeiro: Bibliex Editora, 2010.

CHUTER, David. Understanding Security Sector Reform. **Journal of Security Sector Management**, EUA, v. 4, n. 2, p. 1–21, 2006.

CONSELHO FEDERAL DE ADMINISTRAÇÃO. Resolução Normativa 547 de 31 de Outubro de 2018. Trata de Cursos de Formação de Oficiais e equivalência ao Bacharelado em Administração Brasil, 2018. Disponível em: <http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/48445993/do1-2018-11-05-resolucao-normativa-n-547-de-31-de-outubro-de-2018-48445970>

COSSA, Antonio Fernando Adorno. **A Graduação em Administração na AMAN**. 2014. Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Brasil, 2014.

CZELUSTA, Mark G. Business as Usual: An Assessment of Donald Rumsfeld's Transformation Vision and Transformation's Prospects for the Future. Gernackerstraße: The George C. Marshall European Center for Security Studies, 2008.

DOMINGOS NETO, Manuel. Gamelin, o modernizador do Exército. **Tensões Mundiais**, Brasil, v. 3, n. 4, p. 219–256, 2007.

DOUGHTY, Robert A. The Seeds of Disaster – The Development of French Army Doctrine, 1919-39. Mechanicsburg: Stackpole Books, 1985.

DUARTE, Érico Esteves. A Análise Crítica de Clausewitz (Kritik): rigor epistemológico e potencial interdisciplinar. In: II ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DEFESA NACIONAL 2008, Niterói. **Anais...** Niterói

DUARTE, Mônica; MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Análise retórica do discurso como proposta metodológica para as pesquisas em representação social. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Brasil, v. 1, n. 2, p. 81–108, 2004. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/2290#>>

ECHEVARRIA-II, Antulio J. **Clausewitz and Contemporary War**. New Jersey: Oxford University Press, 2007.

ECHEVERRIA II, Antulio J. **Fourth-Generation War and others myths**. Carlisle PA USA: Strategic Studies Institute, 2005.

EDMUNDS, Timothy. Security Sector Reform. In: BRUNEAU, Thomas C.; MATEI, Florina Cristiana (Eds.). **The Routledge Handbook of Civil – Military Relations**. New York: Routledge, 2013. p. 48–60.

EQUIPE EDITORIAL ADN. Programa Excelência Gerencial (PEG) no Exército Brasileiro; entrevista com o General-de-Exército Francisco Roberto de Albuquerque - Comandante do Exército. Brasília: A Defesa Nacional, 2005.

FARRELL, Theo; RYNNING, Sten; TERRIFF, Terry. *Transforming Military Power since the Cold War: Britain, France, and the United States, 1912-2012*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

FUKUYAMA, Francis. **The End of History and the Last Man**. New York: Macmillan Press, 1992. Disponível em: <papers2://publication/uuid/FF695843-37D2-4A68-9C20-2AE2ACB7D1B8>

GAT, Azar. *A History of Military Thought: from enlightenment to the Cold War*. New York: Oxford University Press, 2001.

GRUNENVALDT, José Tarcísio. *A educação militar nos marcos da Primeira República: estudo dos regulamentos do ensino militar (1890-1929)*. 2005. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil, 2005.

HOIBACK, Harald. *Understanding Military Doctrine: a multidisciplinary approach*. Oxon: Routledge, 2013.

JENSEN, Benjamin M. **Forging the Sword: doctrinal change in the US Army**. Stanford: Stanford University Press, 2016.

JOMINI, Antoine Henri De. **The Art of War: restored edition**. Tradução G. H. Mendeell; W. P. Craighill. Kingston: Legacy Books Press Classics, 1838.

JORDAN, David et al. **Understanding Modern Warfare**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. v. 4

KIRSCHENBAUM, Matthew. *Kriegsspiel as Tool for Thought*. In: DIGITAL HUMANITIES 2010: CONFERENCE ABSTRACTS 2010, Londres. **Anais...** Londres: Centre for Computing in the Humanities, King's College, 2010.

KLEIN, Naomi. *A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

KLIKAUER, Thomas. *What Is Managerialism?* **Critical Sociology**, [s. l.], v. 41, n. 7–8, p. 1103–1119, 2015.

LEINER, Piero C. *O Brasil no espectro de uma Guerra Híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica*. São Paulo: Alameda, 2020.

LIND, William S.; THIELE, Gregory A. **4th Generation Warfare Handbook**. Kouvola: Castalia House, 2015.

LINN, Brian McAllister. **The echo of battle: the army's way of war**. Cambridge: Harvard University Press, 2007. v. 46

LUCHETTI, Maria Salute Rossi. **O Ensino do Exército Brasileiro : histórico, quadro atual e reforma**. 2006. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

MAGALHÃES, Luciano Allevato. *A importância do conhecimento da Administração Pública na formação de militares do Exército Brasileiro: uma análise na Academia Militar das Agulhas Negras e na Escola de Sargentos das Armas*. 2019. Escola de Formação Complementar do Exército/Centro Universitário do Sul de Minas, Brasil, 2019.

MARCUSSO, Marcus Fernandes. A Escola Militar do Realengo e a formação do Oficial do Exército Brasileiro (1904-1929). 2012. Universidade Federal de São Carlos, Brasil, 2012.

MARTINS FILHO, João Roberto. A influência doutrinária francesa sobre os militares brasileiros nos anos de 1960. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 23, n. 67, p. 39–50, 2008.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha et al. **Metodologia Científica**. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2014.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Retórica, a ciência das técnicas noéticas. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Brasil, v. 12, n. 28, p. 103–129, 2015.

MCCANN, Leo. 'Killing is our business and business is good': The evolution of 'war managerialism' from body counts to counterinsurgency. **Organization**, [s. l.], v. 24, n. 4, p. 491–515, 2017.

MOTTA, Jehovah. Formação do Oficial do Exército: currículos e regimes na Academia Militar 1810-1944. Rio de Janeiro: Bibliex Editora, 1998.

NOGUEIRA, Jefferson Gomes. Educação Militar no Brasil: um breve histórico. **Revista Brasileira de História Militar**, Brasil, v. IV, n. 12, p. 146–172, 2013.

NUNES, Richard Fernandez et al. ECEME — A Escola “dos Métodos”. Brasil, v. 1, p. 6–18, 2017.

O'CONNELL-JR, Charles F. The Corps of Engineer and the Rise of Modern Management, 1827-1856. In: SMITH, Merritt Roe (Ed.). **Military Enterprise and Technological Change**. Cambridge: MIT Press, 1985.

OLIVEIRA, Ana Amélia Penido; MATHIAS, Suzeley Kalil. Profissionalização militar; notas sobre o sistema do Exército Brasileiro. **Tematicas**, [s. l.], v. 28, n. 56, p. 38–69, 2020.

PAIVA, Alexandre Duarte De. **A Excelência Gerencial na Formação do Oficial da Academia Militar das Agulhas Negras**: Encontro Pedagógico do Ensino Superior Militar. Rio de Janeiro.

POSEN, Barry R. The sources of military doctrine. France, Britan, and Germany between the world wars. Ithaca NY USA: Cornell University Press, 1984.

SHY, John. Jomini. In: PARET, Peter; CRAIG, Gordon A.; GILBERT, Felix (Eds.). **Makers of Modern Strategy: from Machiavelli to the Nuclear Age**. 3. ed. Princeton: Princeton University Press, 1986. p. 159–206.

SLOAN, Elinor. Military transformation and modern warfare: a reference handbook. Westport: Praeger Security USA, 2008.

SOETERS, Joseph. **Management and Military Studies: classical and current foundations**. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2020.

STRACHAN, Hew; HERBERG-ROTHE, Andreas. **Clausewitz in the twenty-first century**. New York: Oxford University Press, 2007.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz. O exército brasileiro e a emulação dos modelos francês e estadunidense no século XX. **Revista da Escola de Guerra Naval**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 361–380, 2016.

TOFFLER, Alvin; TOFFLER, Heidi. **War and anti-war: making sense of today's global chaos**. New York: Wrner Books, 1995. Disponível em: <<https://archive.org/details/WarAndAntiWar-Toffler>>

VAN CREVELD, Martin. **The Rise and Decline of the State**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

VIEGAS-DA-SILVA, Carlos Eduardo de Melo. O sistema de planejamento estratégico do Exército Brasileiro (SIPLEx) : uma análise da doutrina militar terrestre do Exército Brasileiro e do seu planejamento (2002- 2007). 2009. Universidade Federal de Sao Carlos, [s. l.], 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/947>>

WINTJES, Jorit. When a Spiel is not a Game. **Vulcan**, Netherlands, v. 5, n. 1, p. 5–28, 2017. Disponível em: <https://brill.com/abstract/journals/vulc/5/1/article-p5_5.xml>

XAVIER, Paulo Sérgio. O currículo da Academia Militar das Agulhas Negras e a formação profissional: das origens ao início do Século XXI. 2017. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil, 2017.

YANCY, Scott D. From Methodical Battle to Shock and Awe : How to Guard Against the Next Great Idea The “ Shock and Awe ”. 2012. Joint Forces Staff College, EUA, 2012.